



**ARGENTINA /** Ultradireitista libertário é eleito presidente em votação histórica, com vantagem de quase 12 pontos sobre o peronista Sergio Massa. No discurso, afirma que vitória marca o “fim da decadência” do país



Eleitores celebram diante do comitê de Milei: volta por cima após segundo lugar no primeiro turno



Desânimo entre os apoiadores do ministro da Fazenda, que admitiu a derrota logo no início da apuração

# Milei dobra o sistema

Mergulhada na pior conjuntura econômica em quatro décadas de redemocratização, a Argentina deu as costas à tradição do peronismo e elegeu ontem o neófito Javier Milei, 53 anos, presidente da República. Com a campanha alicerçada no discurso antissistema, aparições polêmicas, incluindo empunhar uma motosserra, e a promessa de reerguer o país, o ultradireitista triunfou depois de um processo eleitoral com altos e baixos. Apontado como possível vencedor já no primeiro turno, largou quatro pontos atrás do adversário, o atual ministro da Economia, Sergio Massa, no pleito de 22 de outubro. Os 30% dos votos mudaram o tom da campanha, inicialmente muito marcada pelo confronto. Milei buscou acordos, e para isso, tentou rever suas declarações. Conseguiu, assim, o apoio da conservadora Patricia Bullrich e a aprovação do ex-presidente liberal Mauricio Macri. Chegou à vitória com quase 12 pontos de vantagem: 55,71% contra 44,28%, com 99,3% dos votos apurados. No discurso da vitória, pouco antes das 22h (hora local e de Brasília), o presidente eleito agradeceu Bullrich e Macri, garantindo que “hoje (ontem), começa o fim da decadência argentina”. “Hoje, voltamos a abraçar o modelo da liberdade, para voltar a ser uma potência mundial”, disse no Hotel Libertador, centro de Buenos Aires. Ressaltando a dramática situação do país, Milei prometeu ser rápido na recuperação da economia e, com um tom conciliatório, disse que todos serão bem-vindos no que chamou de reconstrução do país, “não importa de onde venham”.

## Liberdade

“Hoje é uma noite histórica porque terminou uma forma de fazer política e começa outra.” Hoje começa a reconstrução da Argentina”, afirmou Milei, bastante aplaudido pelos apoiadores. Novato na administração pública, o presidente eleito disse que “não vai inventar nada”. “Vamos fazer as coisas que a história mostrou que funciona, que é abraçar a ideia de liberdade”, destacou. “A Argentina tem futuro, mas esse futuro só existe se a Argentina for liberal.” Ele prometeu começar a agir tão logo receba a faixa presidencial, em 10 de dezembro, data em que se celebram 40 anos de retorno da democracia. O atual presidente, Alberto Fernández, afirmou que a transição começará “em breve”. Depois do discurso oficial, Milei voltou a falar com os eleitores. “Apesar da honra de ser o primeiro presidente libertário da história da humanidade, tenho de admitir que não é fácil a tarefa que vem adiante: estão nos deixando uma economia destruída”, afirmou. “Não é uma tarefa para fracos.” A vitória de Milei foi admitida por Sergio Massa duas horas e 13 minutos após o fechamento dos centros de votação. “A partir de amanhã (hoje), o dever de dar certezas e garantias sobre o funcionamento político e econômico da Argentina é responsabilidade do presidente eleito. Esperamos que assim seja”, disse, destacando a importância da democracia. “Temos um sistema democrático forte.” Com uma inflação anual de 143%



Hoje é uma noite histórica porque terminou uma forma de fazer política e começa outra. Hoje começa a reconstrução da Argentina”

Javier Milei, presidente eleito



Massa: “O dever de dar certezas e garantias” agora é responsabilidade de Milei

e a pobreza que afeta 40% da população, Milei assumirá uma Argentina sob a pior conjuntura econômica nas últimas duas décadas. O país tem um acordo de crédito desde 2018 com o Fundo Monetário Internacional (FMI) de US\$ 44 bilhões (quase R\$ 215 bilhões na cotação atual), negociado pelo então presidente Macri, e desde 2019 um sistema de controle cambial. Além disso, enfrentará uma dívida interna de US\$ 18,5 milhões. Citado

pelo jornal *Clarín*, o professor de finanças públicas da Universidade de Buenos Aires Oscar Cetrángolo avalia que esta “é a pior herança econômica desde o regresso da democracia”, há quatro décadas. Para recuperar a terceira maior economia da América Latina, o presidente eleito propõe medidas drásticas, como a eliminação do Banco Central e a dolarização da economia. Milei propõe cortar os gastos públicos em 15%, uma

promessa desafiadora. “Cortar o gasto social é complicado, porque tem impacto sobre a pobreza”, alerta a economista María Laura Alzua, da Universidade de La Plata. A especialista calcula que os subsídios para os serviços de energia elétrica, gás e transportes representam 2% do Produto Interno Bruto (PIB).

## Descrença

A vitória de Milei, que cresceu mais de 25 pontos percentuais entre os dois turnos, é avaliada como o reflexo da descrença do eleitorado argentino com a política, evidenciado pelo baixo comparecimento às urnas: 76%, segundo o Diretório Nacional Eleitoral. “As propostas de Milei de levantar a Argentina nos dão a esperança de ficar porque os jovens, se isso continuar assim, têm a ideia de ir embora do país”, disse à agência de notícias France Presse Carolina Carbajal, de 20 anos. No setor agroindustrial, responsável por 25% do PIB argentino, o presidente eleito é “uma luz no fim do túnel”, na opinião do historiador Roy Hora, da Universidade de Quilmes. “Historicamente, o peronismo prejudicou o campo com políticas mais favoráveis a outros setores. Muitos produtores veem Milei como uma espécie de utopia”, acredita.

Nos próximos quatro anos, Milei governará em uma situação inédita na democracia argentina: sem nenhum representante nas províncias. As eleições legislativas deixaram o Congresso fragmentado, com o peronismo como primeira minoria nas duas casas, a direita

## Personagem da notícia

### Um novato na Casa Rosada

O economista ultraliberal e antissistema Javier Milei, 53 anos, surgiu como “influenciador” em 2015, protagonizando críticas econômicas furiosas em programas de opinião, e xingando políticos. Logo, seus comentários alimentaram as redes sociais e alcançaram jovens, dos quais muitos consideraram seu discurso inovador e rebelde. Genioso, franco, espontâneo, venceu as primárias rompendo o bipartidarismo argentino e prometendo “dinamitar” o Banco Central, cortar os gastos públicos, reduzir ao mínimo o papel do Estado e acabar com a “casta política e ladra”. Com propostas como essas, que antes eram marginais e agora se tornaram centrais, converteu-se em um líder de “uma importância pública inusitada para a extrema direita na Argentina”, na definição de Gabriel Vommaro, cientista político da Universidade de San Martín, em Buenos Aires. Seu estilo canaliza a raiva dos eleitores decepcionados com o peronismo, a corrente política que tem marcado a história da Argentina desde os anos 1940, criada em torno da figura do militar populista Juan Domingo Perón e encabeçada pelo Partido Justicialista. “As pessoas começam a escutar um senhor indignado que parece alienado, e pensa finalmente alguém fala como eu”, porque tem a franqueza de dizer as coisas”, afirmou Belén Amadeo, cientista política da Universidade de Buenos Aires.

Com cabelos volumosos que lhe renderam o apelido “El peluca” (O peruca), Milei é com frequência chamado também de “louco”. A isto, ele responde: “Sabe qual é a diferença entre um gênio e um louco? O sucesso”. Nascido em Buenos Aires em 1970, quando jovem jogava futebol e cantava em uma banda cover dos Rolling Stones. Estudou Economia na renomada Universidade de Belgrano e fez duas pós-graduações em instituições locais. Milei trabalhou no setor privado até 2021, quando foi eleito deputado do recém-formado partido ‘A Liberdade Avança’. Desde então, rompeu o bipartidarismo argentino e dominou a agenda midiática. Solteiro, sem filhos e com poucos amigos, levou recentemente a atriz e humorista Fátima Flórez, sua nova namorada, à televisão. Ali, aprendeu a fazer o gesto de coração com os dedos. “Somos muito explosivos”, disse ele.

como segunda força e a extrema direita em terceiro. Na avaliação do colunista Luciano Román, do *La Nación*, o resultado das urnas aponta para a “derrota de uma cultura política e a emergência do desconhecido”. “O triunfo de Milei expressa o cansaço da maioria da sociedade com o sistema partidário que administrou as alavancas do poder; representa uma mudança disruptiva cujos contornos são difíceis de decifrar”, escreveu em um editorial.